

# Fronteira urbana: uma discussão sobre a relação entre a Cruzada São Sebastião e o Leblon

Ana Carolina Canegal\*

## Resumo

Fruto da pesquisa que originou minha dissertação de mestrado, o presente artigo traz as principais reflexões daquele estudo, cujo objetivo foi abordar o tema da segregação urbana por meio da análise da relação entre a Cruzada São Sebastião, conjunto habitacional popular criado há mais de 50 anos para abrigar famílias remanescentes de favelas, e o bairro onde este se localiza, o Leblon, um dos mais valorizados comercial e simbolicamente do Rio de Janeiro, moradia de classes abastadas. Para tal empreendimento, centramo-nos na análise do olhar de cinco intérpretes, de “dentro” e “de fora” do conjunto habitacional, na tentativa de compreender os modos particulares de leitura da relação entre os dois espaços em questão. Apresentaremos, de início, uma breve resenha da bibliografia internacional sobre o tema da segregação urbana, partindo, em seguida, para uma contextualização do caso brasileiro a partir dos exemplos de São Paulo e especialmente do Rio de Janeiro, com foco no “problema” favela. Perpassaremos, ainda que rapidamente, a história da Cruzada São Sebastião, apontando também os principais resultados da pesquisa no sentido de demonstrar que há entre a Cruzada São Sebastião e o Leblon tensões decorrentes de uma fronteira urbana estabelecida, reanimada e reavivada por meio da força dos estereótipos e do estigma territorial relegados ao conjunto habitacional.

Palavras-chave: Identidades territoriais; formas espaciais urbanas; mercado mobiliário; segregação e fronteira urbanas.

---

\* Ana Carolina Canegal é jornalista formada em 2002 pelo curso de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação da mesma universidade (2010). Atualmente é pesquisadora vinculada ao estudo “Democracia e Regime Urbano – Territorialização, Cidadania e Rede de Proximidade no Bairro da Gávea”, desenvolvido pelos Departamentos de Ciências Sociais e Pedagogia da PUC-Rio. E-mail: carolcanegal@gmail.com

## Abstract

Urban frontier: a debate about the relationship between Cruzada São Sebastião and Leblon

Originated from my master's thesis, this article brings the main reflections of that research, which aimed at approaching the urban segregation theme through the analysis of the relationship between Cruzada São Sebastião, a housing project built over 50 years in order to shelter families which had lived in favelas, and Leblon, the neighborhood in which it takes place, mostly occupied by medium and higher classes' groups. We will focus on the analyses of five interpreters, which have their own specific perspectives, from "inside" and "outside" the housing project, trying to comprehend their particular ways of reading the relationship between those two spaces. Based on that, we will show a brief review of the international and the Brazilian bibliographies about urban segregation, focusing on São Paulo's case and specially Rio de Janeiro's case and the favela "problem". We will also present the main facts about Cruzada São Sebastião's history, as well as the main results of the research, aimed at showing that there are tensions originated from a constant reanimated and revived urban frontier established between Cruzada São Sebastião and Leblon, through the strength of stereotypes and territorial stigma relegated to Cruzada São Sebastião.

**Keywords:** Territorial identities; spacial urban forms; real estate; urban and segregation frontier

## Introdução

“Se mudou para o Leblon? Que ótimo! Onde vocês estão morando? Na Cruzada?”. Esta foi a primeira vez que ouvi falar da Cruzada São Sebastião, quando minha mãe comentou sobre a reação de sua colega de trabalho ao mencionar nossa mudança para aquele bairro. O ano era 1996, e havíamos saído recentemente de Ipanema, onde morávamos em um prédio bastante próximo ao complexo de favelas Pavão-Pavãozinho/Cantagalo<sup>1</sup>, para um edifício no final da Avenida Borges de Medeiros, no Leblon, endereço, também, da Cruzada São Sebastião.

Mas por que morar no final da Avenida Borges de Medeiros significaria automaticamente que residiríamos naquele lugar, para mim desconhecido, chamado Cruzada? Não demorei muito a fazer associações, pois por vezes ouvi, quando dizia morar em Ipanema, semelhante determinismo geográfico: “Ah, sim, em Ipanema. No Cantagalo? No Pavão?”. Então, próximo à minha nova residência, devia haver uma favela de nome Cruzada, pensei. Explico melhor: com 16 anos, já estava acostumada a identificar o tipo de questionamento embutido nessas perguntas: “como pode uma família de negros morar na Zona Sul sem ser em uma favela?”. Algo estaria *fora da ordem*.

Estranhei quando, enfim, vi de perto a Cruzada São Sebastião, ou simplesmente Cruzada, como é conhecida popularmente. Não me pareceu uma favela, ao menos não se assemelhava àquela que avistei por anos da janela de casa ou, como moradora do Rio de Janeiro, via constantemente nos noticiários. Contudo, sobre ela recebi recomendações dos porteiros do novo prédio e também dos vizinhos, invariavelmente no sentido de que evitasse, ou tomasse cuidado ao passar pelo Jardim de Alah, na Borges de Medeiros.

Essa curiosidade em torno da Cruzada se manteve ao longo dos últimos quinze anos, levando-me à formulação da pesquisa que originou a dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-Rio, intitulada “Fronteira urbana: interpretações sobre a relação entre Cruzada São Sebastião e Leblon”. No presente artigo buscou-se discutir as principais questões apontadas por este estudo, cujo objetivo foi abordar o tema da segregação urbana por meio da análise da relação entre a Cruzada São Sebastião, conjunto habitacional popular criado há mais de 50 anos para abrigar famílias remanescentes de favelas, e o bairro onde este se localiza, o Leblon, um dos mais valorizados comercial e simbolicamente do Rio de Janeiro, moradia de classes abastadas.

A metodologia adotada, de viés qualitativo, concentrou-se em cinco fontes de pesquisa tomadas como “intérpretes” da relação entre o conjunto e o bairro. Baseamo-nos em entrevistas semiestruturadas com um antigo morador do conjunto habitacional; com o presidente da Associação de Moradores da Cruzada São Sebastião (Amorabase) aquele momento; com um corretor imobiliário especializado no Leblon e em bairros adjacentes; com nove docentes da escola municipal Santos Anjos, entre professoras e a direção da escola, que faz parte do projeto original do conjunto habitacional; bem como em uma análise de material de imprensa, que agrupou 21 matérias de jornal e sites a respeito da Cruzada entre os anos de 1970 e 2000. Ao reuni-los como intérpretes, pretendeu-se

apresentar suas perspectivas, demarcadas por seus lugares de fala específicos, de “dentro” e “de fora” do conjunto, no sentido de que pudessem fornecer modos particulares – e talvez conflitantes – de leitura da relação entre a Cruzada e o Leblon.

Trabalhou-se, ainda, com a hipótese de que há, entre a Cruzada e o bairro, conflitos e tensões decorrentes de uma fronteira urbana estabelecida, reanimada e reavivada ao longo de mais de meio século, por meio da força dos estereótipos e do estigma territorial relegados àquele conjunto habitacional. A pesquisa também partiu do suposto de que a Cruzada, lugar peculiar, não sendo formalmente uma favela, ao mesmo tempo em que não é condomínio residencial nos moldes de seus vizinhos do Leblon, agregue em torno de si uma espécie de conflito ou disputa com relação à terminologia adotada para referir-se a ela. Porém, especulou-se que, apesar disso, sua representação esteja atrelada à ideia de favela.

Apresentaremos ao leitor a disposição espacial da Cruzada São Sebastião<sup>2</sup> e sua fronteira física com o Leblon.



Figura 1. Localização da Cruzada no bairro do Leblon

Fonte: Google Maps.

Notam-se, em destaque, na cor vermelha<sup>3</sup>, os dez prédios da Cruzada, situados entre as Avenidas Borges de Medeiros e Afrânio de Melo Franco, no Jardim de Alah, onde há um canal que divide os bairros do Leblon, a oeste, e Ipanema, a leste, e que aflui da Lagoa Rodrigo de Freitas em direção ao mar. Assinalados pelos números no mapa, é possível visualizar os empreendimentos e instituições vizinhos à Cruzada: 1) Shopping Leblon, na

Avenida Afrânio de Melo Franco; 2) quase em frente a elelocaliza-se a 14ª Delegacia de Polícia; 3 e 4) na Avenida Borges de Medeiros estão os clubes desportivos Monte Líbano e a Associação Atlética Banco do Brasil (AABB); e 5) o clube Paissandu.

A escolha do termo “fronteira urbana” para título da dissertação partiu do princípio de que este pode remeter à imagem de maleabilidade, de flexibilidade. Uma fronteira urbana pode ser viva, como pode ser morta; passível de ser enrijecida ou atenuada, a depender de uma série de fatores, interesses, situações, olhares e perspectivas.

A experiência da vida em metrópoles, junto a uma multidão de estranhos, é também, de certo modo, aprender a construir fronteiras. Simmel (1979), no clássico “A metrópole e a vida mental”, publicado em 1902, observa as variadas mudanças enfrentadas pelo homem na adequação à vida urbana, em contraste com a vida em pequenos círculos. A exposição a estímulos plurais, e a incapacidade de lidar com eles adequadamente, assim como os múltiplos contatos estabelecidos com desconhecidos levaram os indivíduos a desenvolver estratégias de distanciamento uns dos outros e também, de outro lado, a desenvolver processos de individualização. Nesse sentido, a “atitude blasé” e a “reserva”, como diz o autor, constituem táticas de defesa em face da cidade caleidoscópica, revelando a impessoalidade e a antipatia como marcas das relações metropolitanas. Isso porque

se houvesse, em resposta aos contínuos contatos externos com inúmeras pessoas, tantas reações interiores quanto às da cidade pequena, onde se conhece quase todo mundo que se encontra [...], a pessoa ficaria completamente atomizada internamente. (Simmel, 1979, p. 17)

Ao mesmo tempo em que a “atitude blasé” e a “reserva” inserem nas relações tecidas na metrópole uma distância social, “uma leve aversão, uma estranheza e repulsão mútuas” (*idem*), conferem também liberdade ao homem urbano, que encontra na grande cidade um lugar propício para desenvolver sua singularidade. “O que aparece no estilo metropolitano de vida diretamente como dissociação na realidade é apenas uma de suas formas elementares de socialização.” (*ibidem*, p. 18). É preciso observar que trabalhamos sob a perspectiva de que segregação urbana corresponde à distância social entre espaços na cidade, gerando o que Pierre Bourdieu (1997) chamou de “efeitos do lugar”, a partir da ideia de que os locais de moradia podem produzir preconceitos, estigmas, dificuldades de acesso aos direitos e aos bens da cidade (Burgos, 2008a).



Figura 2. Os prédios da Cruzada São Sebastião em amarelo e ocre, entre o Clube Monte Líbano e os fundos do Shopping Leblon. Foto tirada do alto do Parque Lage, no bairro do Jardim Botânico. Foto: Ana Carolina Canegal.

Feito este breve preâmbulo, no escopo deste artigo, como mencionado anteriormente, abordaremos os pontos de destaque da pesquisa, trazendo, de início, uma breve resenha da bibliografia internacional sobre segregação urbana, seguido de uma contextualização do fenômeno no Brasil a partir do caso de São Paulo e, especialmente, do Rio de Janeiro, a fim de melhor situar a singularidade do conjunto habitacional Cruzada São Sebastião, criado na esteira de soluções para o “problema” da favela no Rio de Janeiro. Faremos, também, uma concisa passagem pela história da Cruzada São Sebastião e de seus moradores, pontuando, na sequência, os principais resultados obtidos junto aos cinco intérpretes selecionados para a análise da relação entre o conjunto habitacional e o bairro. E finalmente, as considerações finais.

#### “Todas as cidades, a cidade”<sup>4</sup>: segregação, medo e esvaziamento da vida pública

A segunda metade do século XX trouxe mudanças profundas e complexas ao mundo: revolução das tecnologias de informação e comunicação; financeirização da economia; crescimento explosivo da dívida pública; reestruturação produtiva; novos modos de gestão e regularização do trabalho; precarização do trabalho; ampliação das desigualdades. Tais alterações no curso da sociedade contemporânea, bastante significativas, combinadas à globalização, têm contribuído para a transformação de valores e tradições sociais e culturais; perpassam as relações entre indivíduos, bem como a relação destes com a cidade, igualmente desafiada (Fonseca, 2005).

Do ponto de vista da realidade de países centrais, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman é importante intérprete do conjunto de inquietações desvelado na passagem, como denomina, da modernidade *sólida* para a modernidade *líquida*, na qual

as organizações sociais não podem mais manter sua forma por muito tempo [...]. Elas não podem servir como arcabouços para as ações humanas [...] em razão de sua expectativa de vida curta. (Bauman, 2007, p. 7)

De acordo com o autor, o desmantelamento do estado de bem-estar social, o *Welfare State*, produziu graves consequências, em destaque o aumento do medo e da insegurança sociais, já que um dos papéis assumidos pelo Estado era o de administrador de tais temeridades. No momento em que o controle estatal é minimizado, a chamada desregulamentação, “os indivíduos se sentem abandonados a si mesmos, entregues a seus próprios recursos, escassos.” (Bauman, 2009, p. 19-21). Como um revés não-programado, o fim do *Welfare State* levou ao aumento da quantidade de indivíduos excluídos da rede<sup>5</sup>. São pessoas condenadas a “permanecer ‘economicamente inativas’ [...], gente que não contribui para a vida social [...]” (*ibidem*, p. 23-24). Bauman argumenta que a globalização trouxe à mente da maioria de nós o terror de conviver com essa “gente supérflua”, uma população diferente, infeliz e vulnerável.

E é nas cidades, onde habita a maioria da população mundial, que tais constrangimentos saltam aos olhos. Países centrais como França, Grã-Bretanha e Estados Unidos, que apostavam na drástica redução das desigualdades com o avanço da modernização, nos anos de 1980 viram uma nova pobreza surgir com o desemprego em massa. Exilada em bairros decadentes, recrudescer sobre esta gente, agora “supérflua”, a estigmatização na vida cotidiana e no discurso público. Ribeiro (2001) aponta que na Europa e nos Estados Unidos a combinação entre desindustrialização, decomposição da classe operária e desarticulação do estado de bem-estar social modificou a estrutura social de guetos norte-americanos e de periferias francesas, os *banlieues*.

Os primeiros perderam o caráter comunitário e transformaram-se em espaços da privação e do abandono. As periferias francesas, por sua vez, perderam o seu papel de substrato da sociabilidade da identidade da classe operária e se tornaram o lugar do purgatório social. Guetos e periferias urbanas são desconectados econômica, política e culturalmente da sociedade de mercado em emergência. (Wacquant, 2001, p. 14)

O crescente reforço das fronteiras entre elites e pobreza urbanas em sociedades avançadas foi aprofundado também, especialmente na Europa, pelo aumento de casos de violência coletiva envolvendo jovens moradores de periferias a partir dos anos de 1980, o que parece ter firmado no senso comum o vínculo entre moradores de áreas desprestigiadas e violência urbana. Isoladas, as populações dos espaços segregados das grandes metrópoles mundiais tornaram-se cada vez mais numerosas à medida que crescia o fluxo de imigrantes de países periféricos e de antigas colônias. A reunião espacial de uma população homogênea na despossessão parece ter o efeito de redobrá-la – são os “efeitos do lugar”, segundo Bourdieu (1997), que terminam por degradar quem dele faz parte.

Os árabes de norte de Marselha, os jamaicanos e os paquistaneses do Brixton londrino e os negros do South Side de Chicago não sofrem

somente de privação material – compartilhada, nas áreas urbanas mistas da Europa, com seus vizinhos brancos – e de rancor racial: devem também suportar o desprezo público associado ao fato de morarem em locais amplamente percebidos como “áreas a serem evitadas” (*no-go areas*), profusas em crimes, em marginalidade e em degeneração moral, onde se pressupõe que habitem apenas membros inferiores da sociedade. A realidade e a força do estigma territorial imposto aos novos “párias urbanos” da sociedade avançada não devem ser subestimadas. (Wacquant, 2001, p. 32)

### **Autossegregação das elites: cidade, experiência de medo**

Grande parte das metrópoles, em maior ou menor grau, está exposta à desintegração da vida pública em detrimento da primazia de espaços privados. É neste sentido que a categoria de cidade, em risco e em contradição, aparece como uma agregação de territórios atomizados (Burgos, 2008a), sejam estes espaços loteamentos irregulares, conjuntos habitacionais, favelas ou seus contrapontos imediatos, as cidadelas fechadas das classes média e alta – o fenômeno das *gated communities*, ou condomínios fechados, é internacional. Somente nos Estados Unidos eles somam cerca de vinte mil unidades, com uma população de oito milhões de habitantes (Zubero, 2008).

Construídos com a finalidade de evitar o convívio com este mundo de “párias urbanos” (Wacquant, 2001), os condomínios fechados proliferaram-se na paisagem das cidades. São “enclaves fortificados” (Caldeira, 2000) em que se combinam as mais diversas atividades – lazer, trabalho, educação, consumo, residência. Praticamente não é necessário deixá-los. O isolamento neste caso é voluntário: é preferível permanecer entre semelhantes a se “aventurar” pela cidade, que se transformou em espaço residual para gente também residual.

Isso justamente no momento em que são estendidos os espaços de comunicação mundo afora. A comunicação se expande em nível internacional, enquanto se deteriora em nível local. A segregação torna-se uma prática, uma estratégia de “segurança”. Nesse sentido, a vida social se altera quando se recorre aos muros, ameaçando diretamente o fortalecimento de valores de civilidade e solidariedade cidadã, sendo os condomínios fechados ambientes de socialização que, ao mesmo tempo, pressupõem e reforçam um descompromisso para com a cidade como um todo (Souza, 2008, p. 70). Se, historicamente, a cidade é reconhecida como símbolo de liberdade e segurança, hoje é mais associada à ideia de perigo e de medo. Ruas abertas, pessoas diferentes, desconhecidas e anônimas observando vitrines, sentadas em cafés, promovendo manifestações ao ar livre – a imagem da cidade moderna está sob suspeita. É bem verdade que ela nunca foi completamente aberta a todos os cidadãos, já que sempre houve segregação socioespacial e desigualdades. Contudo, o espaço público carregava um valor positivo, ligado à ideia de acessibilidade (Caldeira, 2000, p. 303).

Os padrões de segregação socioespacial em curso enclausuram, como podemos perceber, tanto pobres quanto ricos, e seguem tornando fraca a vida pública cotidianamente



– espaços públicos são abandonados, cercados por grades e muros, ou vigiados. Comprometem não somente a rotina de encontros entre os indivíduos, mas contribuem, principalmente, por um lado, para a proliferação de sentimentos de insegurança e medo, reiterados pela ilusão da autosegregação, e, de outro lado, para o isolamento, a maior vulnerabilidade e a estigmatização dos grupos segregados não por escolha própria. Geram também impactos diretos sobre a rede de relações sociais destas camadas, produzindo efeitos perversos no que tange, por exemplo, às chances de oportunidades de emprego. São grandes os desafios das cidades em termos democráticos.

### **Segregação urbana nas metrópoles brasileiras: São Paulo e Rio de Janeiro**

No Brasil, bom exemplo desse padrão de segregação urbana experimentado por grandes metrópoles mundiais, produto da combinação de inúmeras questões econômicas, sociais, culturais e políticas, é a cidade de São Paulo, onde melhor se deu a expansão da forma urbana do condomínio fechado. Principal metrópole do país, São Paulo é hoje uma cidade de muros, como nos informa a antropóloga brasileira Teresa Caldeira (2000). Muros erguidos não somente para proteger, mas para separar. A retirada das elites em direção a espaços privados tem deixado ruas, praças, calçadas para os pobres; o transporte público, por sua vez, passa a ser quase que exclusivamente utilizado pelas massas, enquanto as classes média e alta circulam de carro. Menor tem sido o número de encontros entre diferentes grupos sociais. Sair nas ruas tende a se tornar, assim, uma atividade desagradável, com a evitação crescente de locais concebidos como zonas proibidas. Em outros termos, “tensão, separação, discriminação e suspeição são as novas marcas da vida pública.” (*ibidem*, p. 301).

A análise de Caldeira detecta um paradoxo: a elite paulistana passou a se fechar justamente em contexto de democratização, em meados dos anos de 1980. Foram processos disjuntivos. O espaço público, lócus da igualdade, acabou por ser lugar também do não-reconhecimento e da conseqüente insegurança frente a este desconhecido, que passou a ter direitos assegurados pela Constituição. O sentimento é de mal-estar com a proximidade do pobre.

De fato, a segregação e o processo ostensivo de separação social cristalizado nas últimas décadas pode ser visto como uma reação à ampliação desse processo de democratização, uma vez que funciona para estigmatizar, controlar e excluir aqueles que acabaram de forçar seu reconhecimento como cidadãos, com plenos direitos de se envolver na construção do futuro e da paisagem da cidade. (*ibidem*, p. 255)

O crescimento dos índices de criminalidade violenta também foi marca deste período. O medo por parte das elites, diz Caldeira, parece se confundir com outros fantasmas: medo de perder posição social, medo de não saber mais como manter as fronteiras. Ou

seja, o temor do cumprimento da promessa da democracia, do enfraquecimento de uma sociedade tradicionalmente hierárquica (*ibidem*, 320).

O caso de São Paulo, a partir do argumento de Teresa Caldeira, nos sugere, portanto, afinidade com o quadro internacional de segregação urbana<sup>6</sup>, principalmente quanto ao tipo de meio urbano estabelecido, aliando processos como: o erguimento de muros, a separação das elites, a privatização dos espaços públicos e a expansão das tecnologias de vigilância, bem como a conseqüente diminuição dos encontros entre grupos sociais distintos. Não à toa a autora se vale do exemplo da cidade norte-americana de Los Angeles para tecer comparações com a capital paulista (*ibidem*, p. 329-340).

No entanto, a correlação entre os contextos internacional e nacional muda de feição quando pensamos o problema da segregação socioespacial a partir do Rio de Janeiro. Não que a cidade esteja “imune” ao fenômeno mundial de fragmentação urbana; do ponto de vista de uma certa parcela das classes média e alta<sup>7</sup>, por exemplo, recorrer ao estilo de vida dos condomínios tem sido solução para aplacar um sentimento coletivo de violência generalizada, para a insegurança da proximidade com a pobreza. As ondas de violência na cidade, em geral atribuídas às favelas, criam uma atmosfera por vezes exacerbada de medo e insegurança. Maior tem sido a procura por serviços como blindagem de automóveis, a aplicação de insulfilm nos vidros dos carros para manter a privacidade, a contratação de sistemas de segurança e empresas de vigilância.

Porém, concentrando-nos no caso das favelas no Rio de Janeiro, vemos que tal modelo internacional não dá conta da especificidade da relação entre este tipo de habitação popular e a “cidade”. Apesar de guardarem semelhanças com os guetos quanto à composição social – maioria da população jovem, negra, taxas elevadas de desemprego e subemprego, e também de famílias chefiadas por mulheres –, percebe-se ao mesmo tempo um menor isolamento, sabendo estarem os moradores das favelas

inseridos na divisão social do trabalho, embora em posições marginais, mantendo relações de troca com o mundo social exterior. A sua grande maioria trabalha fora da favela e consome fora delas. A conexão da favela com a sociedade, ainda que subalterna, permite ao seu morador experimentar a alteridade. (Ribeiro, 2001, p. 15)

Ao considerar a ideia de Wacquant (2001) sobre serem os guetos “purgatórios sociais”, em que a mobilidade social e econômica é decrescente, a favela carioca também não pode ser vista sob esta lente, pois continua sendo a porta de entrada do migrante do interior do país na vida da cidade grande. É visualizada, muitas das vezes, como local de oportunidades para melhores condições de vida e renda. Contudo, do ponto de vista do estigma, do preconceito, da discriminação social, favela e gueto se aproximam; ambos representam, de certa forma, uma ameaça social quando se considera o discurso público (*ibidem*, 2001).

Em resumo, o gueto e a favela são tipos ecológicos diferentes. Ou seja, a favela é mais conectada à cidade que o gueto, representando lugar de mobilidade social e econômica para certos grupos. Nota-se ainda que ela está, por vezes, mais próxima dos centros de riqueza, principalmente aquelas que permaneceram em bairros abastados, diferentemente também da clássica periferia paulistana, “varrida” para grandes distâncias e excluída do mínimo convívio com habitantes da parte “nobre” da cidade” (cf. Caldeira, 2000). Nesse caso, a relação entre a favela e a “cidade” forjou-se historicamente de modo diverso, com base em uma proximidade física e distância social.

### **Favela: proximidade física, distância social**

Surgida em finais do século XIX em solo carioca e ocupada, nos primeiros momentos, em maioria por população negra alforriada e pobre, a favela foi encontrando espaço para se forjar principalmente junto a bairros abastados<sup>8</sup>, onde seus moradores teriam, por exemplo, mais chances de se inserirem, mesmo que marginalmente, no mercado de trabalho da sociedade urbana que nascia. Costa Pinto (1998), na investigação da existência de um padrão ecológico das relações de raça no Rio de Janeiro, identifica que

as favelas apresentam-se como núcleos segregados de população pobre e de cor exatamente nos bairros onde os brancos constituem a maioria e que elas encontram menores razões econômicas e sociais para se formarem naqueles bairros onde maior é o número de habitantes de cor e menor a distância social e étnica entre favelados e não-favelados. (*ibidem*, p. 139)

Em outras palavras, aparecem no modelo de segregação territorial e racial carioca identificado pelo autor, de proximidade física entre indivíduos que ocupam posições sociais distantes, contradições e constrangimentos inerentes a uma sociedade de formação altamente hierarquizada e desigual como a brasileira (cf. Damatta, 1987). Se, de um lado, as favelas possibilitaram a existência e permanência de população negra e pobre em bairros abastados e ocupados majoritariamente por população branca, de outro deflagram uma combinação entre exclusão espacial e desigualdade socioeconômica e racial.

Dentro deste contexto, a favela nos sugere constituir “um modo hierárquico de inserção de camadas populares na cidade, nas dimensões *civitas* e *polis* na condição urbana” (Alves, Franco e Ribeiro, 2008, p. 94). No plano simbólico, elite, em sua maioria branca, e mundo popular, em sua maioria negro, poderiam, em certo sentido, co-habitar o mesmo espaço físico, já que conhecem os seus “lugares naturais”, porém não sem conflitos. O que nos autoriza a formular a hipótese de que, ainda nos dias de hoje, o preconceito histórico da “cidade” contra a favela, no limite, pode camuflar o preconceito contra o negro – as duas categorias podem se articular (Burgos, 2009). “O ‘Outro’, não de forma clara, continuou muito diferente, não somente na cor, mas em todas as atividades, consideradas, quase sempre, como inferiores.” (Campos, 2005, p. 50).

## Favela como problema

A favela passa à cena das preocupações políticas somente a partir do final dos anos de 1930, início dos anos de 1940, em plena ditadura de Getúlio Vargas. Não havia mais como ignorar o incômodo causado por ela, que chegou a ser classificada como “lepra da estética” por Augusto Mattos Pimenta<sup>9</sup>.

Era preciso, então, controlá-la e administrá-la. O Código de Obras da cidade, em 1937, com o mapeamento da expansão destes aglomerados, principalmente na Zona Sul, estimula a primeira política pública em prol de sua erradicação. É neste contexto que ocorre a experiência, em princípio provisória, dos parques proletários. Construídos no Caju, no Leblon<sup>10</sup> e na Gávea, entre 1941 e 1944, os parques receberam cerca de sete a oito mil pessoas de um total entre 250 e 350 mil moradores de favelas no Rio naquela época (Valladares, 2005b, p. 61). Com o objetivo de oferecer a elas assistência e noções de educação a fim de provocar mudanças em seu estilo de vida para melhor integração ao tecido urbano “formal”, tal política prometia o retorno desta população para suas áreas de origem depois de realizada a urbanização – o que não aconteceu.

Surgiu a necessidade, também, de estudar a favela. Nesta esteira, o Censo de 1948 foi o primeiro no Distrito Federal que a levou em conta. Foram identificadas 105 ocupações onde moravam 138.837 pessoas, sendo 68.953 do gênero masculino e 69.884 do gênero feminino, distribuídas em 34.528 casebres – o equivalente a 7% da população total da cidade. Dois anos depois, em 1950, lançou-se o primeiro censo geral brasileiro que inclui as favelas, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (*ibidem*, p. 63-73).

Deste período a meados de 1970, como resposta estatal à expansão e também à maior articulação política entre moradores de favelas no Rio de Janeiro seguiu-se uma dramática política de erradicação<sup>11</sup>, com foco especial em bairros da Zona Sul. Data da década de 1960 também a construção dos conjuntos habitacionais distantes do centro da cidade, para onde tal população foi transferida, o que desmobilizou, dentre outros aspectos, as redes de sociabilidade existentes nas favelas de origem.

Já a partir dos anos de 1980, uma política com vistas à integração de favelas ao tecido social e urbano e ao reconhecimento oficial destas como moradias foi levada a cabo no Rio de Janeiro, na figura do governador Leonel Brizola, eleito em 1982 com forte apoio dos grupos excluídos. O processo de urbanização em favelas cariocas em mais larga escala data desta época e é, nesse sentido, sintoma do que Angelina Peralva (2001) denomina de “mutação igualitária”, movimento que marcou a entrada do país em uma era de individualismo de massa, apontando melhoras substanciais para as camadas populares do ponto de vista do acesso a sistemas de saneamento básico, de condições de alimentação e de moradia, bem como a ampliação ao acesso à educação e aos serviços médicos e hospitalares. O que sinalizava também, em paralelo a um processo de “ressegregação”, em que a “insegurança funciona como metáfora para um mundo onde a hierarquia se enfraqueceu” (Peralva, 2001, p. 21-22), o de “dessegregação”, que passa ainda pelos campos do trabalho e do lazer, por meio dos quais favela e “cidade” passaram a se encontrar minimamente.

Contudo, nas palavras de Peralva,

mesmo sendo uma coisa positiva, a integração embaralha as cartas [...]. Trata-se da defasagem existente entre o olhar com que a cidade considera os favelados [...] e a realidade material e cultural da nova situação em que vivem. (*ibidem*, p. 57-58 e 63)

### Virada na representação da favela

Até início da década de 1980, a imagem negativa da favela como lugar da pobreza e da marginalidade no Rio de Janeiro ainda era contrabalançada por sua valorização cultural como berço do samba, do carnaval e da cultura popular. No entanto, a escalada de banqueiros do jogo do bicho, e também de quadrilhas de tráfico de drogas conectadas a redes internacionais de venda de entorpecentes provocou mudanças. O Estado não foi capaz de conter o avanço destes grupos, principalmente do tráfico de drogas<sup>12</sup>, instalados muitas vezes nas favelas, nos conjuntos habitacionais e em demais espaços socialmente desvalorizados.

Desde os anos 1980/1990, porém, as favelas passaram a ser tematizadas quase que exclusivamente pela violência e insegurança que trariam aos bairros. Atualmente, no repertório simbólico do Rio de Janeiro, o termo “favela” abrange diversos territórios de pobreza (conjuntos habitacionais, loteamentos irregulares, bairros periféricos etc.), aludindo não mais à precariedade de equipamentos urbanos e a estatutos de propriedade de terra/moradia específicos, mas sobretudo ao estigma da marginalidade, desordem e violência que o recobre, transformando os favelados no arquétipo de “classes perigosas”. (Leite, 2008, p. 117)

A designação mais corrente na cidade vem, em grande parte, dispensando a habitantes de favelas o lastro de pessoas portadoras de moralidade duvidosa porque, de certo modo, teriam “escolhido” viver sob a “lei do tráfico” no lugar da “lei da cidade” (*idem*), aprofundando a ideia de “cidade partida” (Ventura, 1994). Nem mesmo o processo de urbanização, a diminuição da pobreza ou o avanço do acesso à educação entre os segmentos populares têm conseguido desarticular a ideia de que favela e “asfalto” são como que opostos. Em outras palavras, a segregação socioespacial parece ter se agravado (Burgos, 2008a).

Fronteiras urbanas apartando o mundo da elite e o mundo popular sobrevivem e se remodelam há longa data. A correlação entre pobreza e crime também não é nova<sup>13</sup>. Porém, a partir da redemocratização e do crescente sentimento de medo coletivo e de insegurança pública no Rio de Janeiro, a favela parece ter assumido uma especificidade de

não apenas ser historicamente um espaço que representa o avesso da ideia de cidade, mas lugar de produção de criminosos em série.

Todavia, esse processo não é unívoco. Diante do peso da violência que recai sobre favelas e seus congêneres, aqueles que neles moram demonstram reagir em busca de estratégias que possam vir a mover essas fronteiras morais e simbólicas com a “cidade”, na intenção de deslocar o medo e a desconfiança presentes no discurso público. Tais modalidades de resistência se dão menos pelo viés cívico, político, e mais por meio de formas outras, sutis e também submissas, principalmente no plano da sociabilidade<sup>14</sup>.

Ainda dentro deste contexto mais geral de caracterização do doloroso cotidiano em favelas e em mais espaços segregados, é preciso lembrar da existência de nuances, de gradações. Por isso, nem todas essas áreas estão expostas da mesma maneira a este conjunto de representações sociais. Compartilhando muitas vezes de semelhantes aspectos como a presença de quadrilhas de tráfico de drogas ou a condição de vítimas de atuação policial truculenta, a força da imagem da criminalidade violenta a elas emprestada pode ser relativa; pode ser menos vigorosa, mais flexível a depender do lugar sobre o qual se fala.

### **Cruzada São Sebastião**

Como vimos, a favela, nascida no Rio de Janeiro e acomodada muitas vezes em bairros abastados, transformou-se em problema somente a partir dos anos de 1940, quando passa a receber especial atenção do poder público. Paralela às iniciativas dos governos federal e municipal, a Arquidiocese do Rio de Janeiro também se viu sensibilizada e mobilizada pelo tema da favela, principalmente diante da possibilidade de transformação dos *favelados* em atores políticos.

O impulso organizativo dos excluídos foi suficiente para despertar nos setores conservadores da cidade o velho temor da sedição, mais tarde traduzido no *slogan* “é necessário subir o morro antes que os comunistas desçam”. (Burgos, 1998, p. 29)

Nesta esteira, em 1946 foi criada a Fundação Leão XIII, no intuito de fazer frente à política do Estado Novo, voltando-se para a “cristianização das massas”. Entre 1947 e 1954, a Leão XIII esteve presente em 34 favelas, disponibilizando em algumas serviços de fornecimento de água, esgoto, luz e redes viárias. Em oito das maiores favelas cariocas, a instituição estabeleceu núcleos de trabalho (Valladares, 2005b; Burgos, 1998). Entre elas, a Praia do Pinto<sup>15</sup>, às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas e do Jardim de Alah, que já sediava o Parque Proletário do Leblon. Nela, em 1947 foi construída a Agência Social Provisória Ana Néri (APSI), por meio da qual “duas assistentes sociais e quatro visitadoras realizavam, junto à população, os seus trabalhos de ‘recuperação do homem da favela’”. (Simões, 2008, p. 168).

Na década de 1950, uma outra corrente da Igreja, considerada como uma linha mais à esquerda e capitaneada pelo então bispo auxiliar do Rio de Janeiro, Dom Helder

Câmara, foi a chamada Cruzada São Sebastião, cuja inspiração surgiu no 36º Congresso Eucarístico Internacional no Rio de Janeiro, em julho de 1955. O órgão tinha por objetivo o audacioso plano de urbanizar todas as favelas da cidade em doze anos, mantendo os habitantes próximos às suas moradias e desenvolvendo

uma ação educativa de humanização e cristianização no sentido comunitário, partindo da urbanização como condição mínima de vivência humana e elevação moral, intelectual, social e econômica. (SLOB, 2002, p. 27)

Diferentemente da Fundação Leão XIII, buscava reunir, de forma mais concreta, urbanização e pedagogia cristã (Burgos, 1998).

O primeiro e maior empreendimento da Cruzada São Sebastião foi justamente a construção do conjunto habitacional popular Cruzada São Sebastião do Leblon, ou Bairro São Sebastião<sup>16</sup>, iniciada em ritmo acelerado no mês de novembro de 1955, apenas quatro meses após o Congresso Eucarístico Internacional. A pressa parecia justificável: o Rio de Janeiro, a esta época, registrava em torno de 150 favelas. A ideia era transferir, mediante certos critérios, moradores da mencionada favela da Praia do Pinto e também da Ilha das Dragas, de menor porte e também às margens da Lagoa, para prédios de apartamentos.

A Cruzada, com seus dez blocos de prédios<sup>17</sup>, ficou inteiramente pronta com o término das três últimas unidades em 1962. A iniciativa de Dom Helder constituiu uma inédita experiência no curso das soluções voltadas à favela, de defesa do direito do trabalhador em permanecer próximo ao seu local de trabalho, em moradias permanentes, desfrutando de serviços urbanos não disponíveis nas periferias distantes do centro da cidade (Valladares, 2005b; Simões, 2008).

### **Cruzada e Leblon**

Composta por população social e economicamente distinta daquela que veio a ocupar o Leblon<sup>18</sup>, a Cruzada “resiste” há exatos 53 anos a despeito do incômodo manifestado em alto e bom som pela vizinhança durante este período. Os clubes Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), Caiçaras, Monte Líbano e Paissandu<sup>19</sup>, já existentes quando da inauguração do conjunto habitacional em 1957, argumentavam naquele mesmo ano “que o bairro se transformaria rapidamente numa favela”<sup>20</sup> e pediam pelo seu fim. Cercada – e também, de certo modo, comprimida – pelos mesmos clubes, por mais prédios, condomínios e *shopping centers* voltados às classes média e alta, a Cruzada ainda nos dias de hoje é vítima de violência simbólica, conforme nos mostra Simões (2008). Em uma discussão lançada na rede social Orkut em junho de 2007 a respeito do que os participantes do fórum, moradores do Leblon, desejariam “tirar do bairro”, o conjunto habitacional logo apareceu como tópico.

O que eu mais odeio no Leblon: o Jardim de Alah dava tudo para ser um ótimo lugar, mas é um lixo.

CRUZADA SÃO SEBASTIÃO... So (*sic*) napalm<sup>21</sup> resolve galera.

Anônimo: 3 coisas principais: Cruzada S. Sebastião, Vidigal e a falta de educação generalizada das pessoas que tornam as ruas imundas.

Adriano, morador do Leblon: O crescimento de mendigos na praça gen urquiza, a especulação imobiliária q ta cada vez fazendo mais prédios, a cruzada (claro...).

Miguel, morador do Leblon: Poluição visual: A Cruzada São Sebastião. (2008, p. 321-324)

Segregação e estigmatização dão sinais claros de permanência, especialmente em uma cidade em que a proximidade espacial com a pobreza geralmente está relacionada ao sentimento de insegurança pública. Como sugerem os depoimentos acima, de indivíduos que se dizem moradores do Leblon, o tempo parece não ter apagado a sensação de que a Cruzada não deveria estar ali. A pesquisa empírica, porém, nos permitiu matizar essa percepção, “de fora” do conjunto, apresentando perspectivas “de dentro”.

### Interpretações: antigo morador

O Orkut tornou-se fonte de pesquisa e, por meio dele, conheci José<sup>22</sup>, antigo morador do conjunto habitacional. Em sua página no site de relacionamentos, encontrei imagens do Jardim de Alah e também de uma Cruzada ainda recém-construída.



Figura 3. Os prédios da Cruzada vistos da praça Paul Claudel por volta dos anos de 1960. Foto gentilmente cedida por José.



Aquele primeiro contato deu origem a um encontro, em novembro de 2009, no Jardim de Alah. José, que dizia não ir ao Leblon há quase dez anos, gentilmente levou até mim aquelas mesmas imagens e mais outras. Em 1957, ainda bebê, ele e sua família – mãe, pai e uma irmã – foram transferidos da Praia do Pinto para morar em um apartamento de quarto e sala no quarto bloco. De lá saiu aos 15 anos, quando ingressou no Colégio Militar e depois no Exército; hoje, mora em Santa Cruz e o apartamento no conjunto foi vendido. Sobre a relação entre o conjunto habitacional e o Leblon, José afirmou que “em seu tempo” era boa; já hoje ele acredita ser diferente. A Cruzada teria se tornado um lugar perigoso e identificado a partir dessa percepção por aqueles que não moram lá. Como ele próprio.

“Sentiu o cheiro?”, perguntou-me. Estávamos sentados em um banco na praça próximo a um grupo de jovens que jogava cartas e consumia maconha. O vaivém de rapazes em bicicletas sugeria a existência de um pequeno comércio de drogas.

Você vê o ambiente, eles não respeitam! [sobre os rapazes da praça]. Essa falta de respeito que eu acho que prevalece ali dentro [da Cruzada]. Porque antigamente, não. Minha mãe deixava a porta aberta, deixava a roupa no varal, a gente saía de noite aqui dentro, tinha brincadeira.

De um modo geral, notou-se marcadamente na fala de José uma divisão temporal quando se refere à Cruzada São Sebastião: um passado e um presente. E o fato de ser um antigo morador do conjunto habitacional não pode ser desprezado. José esteve dentro, no entanto revelou ver e pensar a Cruzada da perspectiva de quem está fora dela, praticando uma espécie de distinção social. Ele morou em *outra* Cruzada, simbolicamente positiva, na qual havia harmonia, não aconteciam roubos, não havia violência nem muros separando-a dos demais prédios da região. Havia zonas de contato entre os moradores do bairro e do conjunto, dando indícios de que este, no passado, era composto por pessoas de outra moral, de boa índole, educadas.

Mas *essa* Cruzada de hoje, distante e diferente da sua, é simbolicamente negativa. Para falar dela, recorre ao uso de estereótipos frequentemente utilizados para definir populações que habitam espaços estigmatizados. Por meio deles tenta caracterizar, ainda que de maneira pouco sistematizada, quem é o morador atual e o que imagina ser o dia a dia do conjunto. Algo próximo da representação acerca do ambiente da favela, apesar de não dizê-lo explicitamente.

Em resumo, o depoimento de José mostrou-nos sua preocupação com a sobreposição entre as ideias de favela, violência<sup>23</sup>, informalidade, de lugar produtor de comportamentos desviantes; tais conexões aparecem como que coladas à sua visão sobre a Cruzada atual. Sua fala aponta-nos seu esforço e desejo de distanciar-se, em um movimento de resistência a esse conjunto de imagens negativas, uma vez que já esteve inserido naquele espaço, onde viveu sua infância. A estratégia parece ser a de impedir que haja algum tipo de “confusão”

que o associe, como antigo morador do conjunto, à sua representação sobre quem seria o morador de hoje em dia.

### **Presidente da Associação de Moradores do Bairro São Sebastião (Amorabase)**

Após duas semanas tentando agendar um encontro com o presidente da Amorabase<sup>24</sup>, a entrevista ocorreu na sede da associação, dirigida por ele desde janeiro de 2009, um apartamento de sala, dois quartos, cozinha e banheiro na Cruzada, equipado com dois computadores. Sobre a relação entre a Cruzada e o Leblon, o presidente acredita, hoje, ser boa. E não só com o Leblon, mas também entre a “comunidade”, como se refere ao conjunto habitacional, e os bairros adjacentes como Ipanema e Gávea, apesar de ainda hoje a Cruzada carregar um representação negativa frente a essas localidades.

Para além do papel que atribui à Amorabase, de buscar parcerias que venham a contribuir para o desenvolvimento da Cruzada em áreas como educação, saúde e planejamento urbano, o presidente destaca como atividade fundamental de sua gestão a chamada “conscientização” do morador, frisada inúmeras vezes ao longo da entrevista. Ele explica: na Cruzada, “há muitos aspectos que ainda deixam a desejar”, como a limpeza e a falta de ordem no comércio das barracas de bebidas e alimentos existentes na rua, por exemplo. Para o presidente, isso acontece principalmente porque uma minoria de vizinhos não teria consciência de que moram na Cruzada São Sebastião, um condomínio no Leblon; acham que habitam em uma favela.

Uma parte de seus vizinhos prefere manter, mesmo vivendo na Cruzada, um conjunto de prédios, o que entende por “ritmo de favela” ou “ritmo de morro”, que não condiz com o “ritmo” de um condomínio.

Ah, o ritmo de favela é você chupar uma bala, tu jogar papel no chão... não é verdade? Tô chupando uma bala, jogo lá embaixo... Poxa! Melhorou hoje. Modess, não era? Fralda... hoje não tá melhor isso? [dirigindo-se à secretária da associação de moradores, que acompanhava a entrevista]. [...] Mas eu bati muito em cima. [...] Eu sempre batalhei isso porque não adianta eu dizer assim pra você: “olha, você é uma porca, você é uma desorganizada! Você é isso!”. Nada! Eu tenho que dar oportunidade, dar subsídio, não é? [...]. O prédio, a estrutura daqui é maravilhosa! Olha, a gente tem a precariedade de não ter elevador, mas, gente, se você vê as escadas são espaçosas! E nós somos familiarizados, de todo mundo ter vindo da mesma época. Tem muito morador antigo e todo mundo se conhece<sup>[25]</sup>. Mas tá entranhado aquela coisa, aquele hábito que vem da favela, entende? [...] Quer dizer, esse ritmo ainda perdura. Não tá tanto mais, né? [dirigindo-se à secretária]?

Em seu depoimento, ele apresenta uma fala empenhada em livrar a Cruzada São Sebastião do estigma que carrega: o de ser uma favela. E o árduo trabalho de “conscientização” reflete um grande esforço cotidiano, no “boca a boca”, na tentativa de “purificá-la” junto aos moradores – e também junto a interlocutores externos. Parece haver também, nesse sentido, um empenho em amenizar o impacto negativo gerado pela Cruzada no entorno, já que não é isento, pelo fato de a associação de moradores do conjunto habitacional ser integralmente custeada pelo Shopping Leblon.

“A Cruzada é condomínio”, reafirma o presidente da associação. Sua fala reforça a necessidade de expurgar a “doença” forjada pela favela que, “entranhada”, palavra que ele utiliza, na subjetividade desses vizinhos produz comportamentos dissonantes com o bairro em que a Cruzada se insere e também com a própria estrutura formal de construção do conjunto, de prédios e apartamentos. “Não é favela, o pessoal é que é favelado”, sentenciou a secretária num dado momento da entrevista.

Em suma, a “conscientização” constitui, assim, uma tática reativa à fronteira e ao estigma territorial impostos pelos de “fora”. Reafirma a existência de segregação e indica um processo interno ao conjunto de diferenciação social, por meio do empenho dos dois entrevistados em mostrarem-se pessoas aptas a habitarem o Leblon, bairro de elite, mesmo residindo na Cruzada, conjunto popular. Nesse sentido, se tal tática de resistência ao estigma territorial de certo modo os permite demarcar uma distância dos vizinhos que têm “a favela em si”, no âmbito interno ao conjunto habitacional, tanto o presidente da associação como a secretária percebem que, do ponto de vista externo, o fato de morarem na Cruzada os desqualifica sem distinção, coletivamente. A “conscientização”, a despeito do desejo de afastar o estigma, dissociando Cruzada e favela, reproduz internamente a fronteira e reforça os enunciados de quem os percebe como, entre outras denominações, uma “favela vertical”<sup>26</sup>.

Os depoimentos de José, do presidente e da secretária da Associação estão, de certa forma, sintonizados. A intenção em promover diferenciação social está expressa na cisão entre “nós” e “eles”, “dentro” e “fora”. José esteve dentro, em um tempo que seria simbolicamente positivo, mas hoje está fora do que vê como universo negativo. O presidente e a secretária, por seu turno, estão dentro, moram na Cruzada; encarnariam o personagem “eles” na visão do antigo morador. Ao mesmo tempo em que, para o presidente da Amorabase e para a secretária, “eles”, a partir de suas perspectivas, seriam os vizinhos em quem “habita a favela”. A Cruzada São Sebastião que, do ponto de vista externo, aparenta ser um conjunto homogêneo, monolítico, certamente não o é.<sup>27</sup>

### **Imprensa e corretor imobiliário**

A pesquisa também reuniu, como dissemos, 21 matérias jornalísticas produzidas pela mídia impressa e também online<sup>28</sup> entre os anos de 1970 e 2000, tornando a imprensa um de nossos intérpretes da relação entre a Cruzada e o Leblon. No período investigado, é visível o processo de arrefecimento e suavização do tom com que os veículos

de comunicação passaram a se referir à Cruzada São Sebastião, que deixou de ser nomeada pela alcunha de “antro de marginais”. Mitificado na década de 1970 como o principal responsável pela esmagadora quantidade de crimes no Leblon, na Lagoa e em Ipanema, o conjunto habitacional foi perdendo progressivamente o “posto” frente aos veículos de imprensa a partir dos anos de 1980, praticamente desaparecendo dos noticiários na década de 1990 e reaparecendo nos anos 2000, especialmente em matérias sobre seu aniversário de 50 anos.

Que processo teria levado os veículos de comunicação a se desinteressarem pela Cruzada? Apesar de não podermos senão levantar hipóteses, a considerar os limites da pesquisa realizada, é possível que a escalada do comércio de drogas em favelas no Rio de Janeiro nas décadas de 1980 e de 1990, bem como o crescimento em interesse pelo tema da segurança pública nos noticiários tenham relegado a Cruzada a um segundo plano em importância de cobertura jornalística. Contudo, esta mudança no tom do discurso midiático em relação à Cruzada São Sebastião, sugerindo um arrefecimento na fronteira estabelecida na relação com o Leblon, apresenta ressonâncias nos dados coletados a partir da entrevista com o corretor imobiliário.

Com 33 anos de carreira no mercado do Leblon<sup>29</sup> e adjacências, Fernando nos afirmou que a crescente especulação imobiliária do bairro e a construção do Shopping Leblon impulsionaram a procura por apartamentos no condomínio Selva de Pedra<sup>30</sup>, por exemplo, em frente à Cruzada, anteriormente desvalorizado. O corretor argumentou que a proximidade da Cruzada São Sebastião hoje tem menos importância para quem se muda para lá. Nesse sentido, o aquecimento do mercado imobiliário residencial no bairro, bem como a construção do Shopping Leblon naquela área teriam emprestado maior valor econômico e também valor simbólico menos negativo à região. Os efeitos de mercado parecem ter atuado no sentido de mitigar certos efeitos do lugar (Bourdieu, 1997).

Notou-se, assim, que a análise do material de imprensa ajuda a entender a percepção do corretor imobiliário, e vice-versa. É provável que haja aqui uma lógica de interesses na mudança de humor da imprensa a respeito da Cruzada São Sebastião nos últimos 40 anos, que parece reger também a percepção do corretor sobre o mercado imobiliário. O que nos permite supor que ambos, imprensa e mercado, se utilizam de um artifício de neutralização da Cruzada no sentido de suspender temporariamente seus “efeitos” sobre o mercado de compra, venda e aluguel de imóveis. A mudança de perfil desses dois intérpretes nos sugere ser menos um fator que diga respeito a uma lógica de inclusão, de fundo democrático, que algo referido a interesses comerciais.

Apesar de se situarem em lugares de fala diferenciados, pudemos perceber que o antigo morador e o presidente da Amorabase, de um lado; a imprensa e o corretor imobiliário, de outro, representam duas faces da mesma moeda: os esforços de neutralização do lugar e também da relação entre a Cruzada e o Leblon por tais intérpretes revelam ser estratégias de resistência ao efeito negativo que emanaria do conjunto.

### **Professoras da Escola Santos Anjos**

Antes de apresentarmos a pesquisa importa situar, mesmo que rapidamente, por que a escola pública é considerada lugar estratégico para a percepção sobre fronteiras entre a dita “cidade formal” e espaços de moradia estigmatizados. Estudiosos da questão urbana têm voltado suas atenções mais recentemente para a educação pública dentro da chave de compreensão que relaciona os efeitos da segregação urbana à segregação institucional, considerando o quadro de mudanças socioeconômicas mundiais no qual

a concentração territorial dos segmentos vulneráveis transforma-se em segregação residencial, em isolamento físico, sociocultural e dos direitos cívicos e políticos inerentes à condição urbana. (Ribeiro e Katzman, 2008, p. 16)

Vale chamar a atenção também para o professor, já que sua posição é bastante peculiar para o estudo da segregação urbana (cf. Burgos, 2008b). Ao mesmo tempo em que o docente está cotidianamente em áreas segregadas, ou mesmo em contato direto com crianças, jovens e famílias que habitam nesses espaços da cidade, em geral ele vêm de fora deles; ou seja, não mora nessas áreas. A perspectiva do professor é, assim, permeada pela ideia de que está “dentro”, mas também está “fora”.

Pensando os depoimentos das professoras da escola Santos Anjos do ponto de vista deste argumento, percebemos algumas questões interessantes. As nove entrevistadas, entre professoras antigas, novas e docentes que compõem a direção da escola<sup>31</sup>, apontaram para a existência de separação e do preconceito como característica da relação entre a Cruzada e o Leblon. Abaixo, a fala de uma docente da direção.

Tem muita gente boa. [...] O Leblon vê a Cruzada como um câncer. Tem horror. É como se a Cruzada não fizesse parte do Leblon. Tanto que chamam de “A Cruzada São Sebastião”. (Direção)

Sobre as professoras antigas e a direção, elas revelaram nutrir uma imagem estanque e, por vezes, negativa do conjunto habitacional, justificada principalmente pelos vários anos em que trabalham na escola. Identificam-se no bairro um operador de segregação, que exerce diferenciação sobre a Cruzada, seu discurso parece agir no sentido de marcar também a “sua” fronteira em relação ao conjunto.

A Cruzada não é humilde. Tem o nariz em pé [...]. Engraçado que eles chamam a Selva de Pedra de “favelão”<sup>[32]</sup>. Eles não são? [risos]. (Direção)

Em relação às professoras novas na escola, onde começaram a trabalhar em 2009, percebeu-se também a ideia de distanciamento. Houve uma superposição entre a imagem

da Cruzada e a representação que elas têm do mundo e da cultura da favela, onde já trabalharam e revelaram conhecer a “realidade”. O Leblon e a Cruzada são, assim, dois mundos diferentes, com especificidades características de cada lugar, cujo contato se daria principalmente no campo do trabalho, no qual, porém, os moradores do conjunto exerceriam ocupações que exigem baixa qualificação nos empreendimentos vizinhos, como os *shopping centers*.

Segundo elas o Leblon, rico e fino, hostiliza seus alunos e respectivos pais, relegando-os ao isolamento. No entanto, parece também hostilizá-las, o que nos permite sugerir que, ao passo que frisam claramente diferenças em relação a seu alunado, há identificações principalmente quanto ao desconforto que a experiência de frequentar o Shopping Leblon pode oferecer. Revelam, nesse sentido, uma espécie de mimetismo com seu público, do qual, entretanto, se empenham em se distanciar, a fim de não se confundir com ele.

Todo o dia eu converso com meus alunos. E um belo dia eu perguntei: vocês conhecem o Shopping Leblon? Quase todos conhecem. Mas a maioria não frequenta o shopping. Eles vão em outros shoppings. [...] E criança não mente! Eu falei: “Por que? Se você mora tão pertinho, por que você não vai?”, “Ah, a mamãe não gosta...”. Ou então: “vou em outro shopping”. [...] Eu acredito que eles conseguem assimilar que eles moram num bairro chique, um bairro de classe média alta. Porque uma criança falou com muita veemência: “Tia, eu não gosto de ir nesse shopping”. (Professora Nova 2)

Por exemplo, eu, como venho trabalhar de bicicleta, então eu venho assim, né, com roupa... Se você entra no shopping, você já vê a diferença. A gente mesmo... Já é uma coisa assim, você não é desse... A sensação que você tem é que você não é desse... desse meio. É uma coisa que... incomoda um pouco. (Professora Nova 1)

Pudemos especular que, de certo modo, o conjunto de interpretações das docentes da Santos Anjos traz ambiguidades. As professoras parecem estar na “fronteira”: nem dentro, nem fora. Ou seja, estariam entre a Cruzada, da qual se esforçam em se afastar, e o Leblon, bairro com o qual não se identificam plenamente, que também parece excluí-las, assim como exclui seus alunos.

Finalmente, todas as entrevistadas, sem exceção, fizeram referência à Cruzada como “comunidade”, no sentido de eufemismo de favela, para substituir o termo tão estigmatizado<sup>33</sup>. Concomitantemente, ofereceram uma série de metáforas na tentativa de falar sobre aquele espaço singular – “comunidade carente”, “favela de asfalto”, “gueto” –, nenhuma delas, inclusive, relacionada ao fato de ser originalmente denominado como um conjunto habitacional. Tais metáforas parecem remeter-se, direta ou indiretamente,

à representação da favela. O que deu força à nossa hipótese de que, frente à singularidade da Cruzada, haveria uma indefinição quanto à terminologia a ser adotada. No entanto, quanto ao significado do conjunto, relaciona-se ao universo da favela.

### Considerações finais

Transcorridos mais de meio século de sua existência, o conjunto habitacional Cruzada São Sebastião, alvo de discriminação por parte do entorno ao longo deste período, ainda carrega principalmente os estigmas da favela, de cultura da pobreza, e de lugar perigoso, alimentando, reconfigurando e reatualizando a fronteira viva com o bairro do Leblon. Por meio da reunião das perspectivas de cinco intérpretes, constituindo lugares de fala diferentes sobre a relação da Cruzada com o bairro, identificou-se uma disputa simbólica em torno da representação da relação entre esses espaços, como também um conflito sobre a terminologia a ser adotada para o conjunto. Esse conflito pareceu convergir, no entanto, para a confirmação da separação entre aqueles dois espaços, sendo a Cruzada visualizada na maioria das vezes como favela.

De um lado, as entrevistas com o antigo morador, com o presidente da associação de moradores e com o corretor, além da análise do material de imprensa, mostram interesses variados e particulares no intuito de amenizar a Cruzada dos males a ela atribuídos socialmente. Dito de outra forma, reafirmam a fronteira bairro-conjunto, ainda que tentem atenuá-la. As professoras e a direção da escola Santos Anjos, de outro lado, parecem despreocupadas em distanciar da Cruzada a representação negativa que esta carrega. Também não aparentam querer amenizar a fronteira urbana entre o conjunto e o Leblon, revelando a existência de acusações, preconceitos e discriminação, nutrindo ainda uma fronteira entre elas e o conjunto habitacional. Simultaneamente, demonstraram identificações com seu alunado da Cruzada, da qual querem, também, se distanciar. Em comparação com os outros intérpretes, cujas posições em relação ao conjunto parecem mais bem delimitadas, as professoras estariam entre a Cruzada e o Leblon, na fronteira.

Ao fazer referências à Cruzada, os intérpretes apresentaram um conflito quanto à terminologia a ser adotada, remetendo, todavia, à ideia de favela, associada à desordem. A imagem de condomínio residencial acionada pelo presidente da associação de moradores da Cruzada, na tentativa de derrubar o “fantasma” da favela, concorreu com a imagem de prédios “cabeça de porco” na comparação feita pelo corretor imobiliário quando aproximou o conjunto habitacional do prédio conhecido no Leblon como “Maracanã”<sup>34</sup>. De outro lado, as docentes proferiram várias metáforas – “favela de asfalto”, “comunidade”, “comunidade carente”, “gueto” –, todas no sentido de demarcar um certo “lugar” da Cruzada dentro do Leblon.

É de se supor, também, que, apesar de ser frequentemente chamada de “comunidade” tanto por intérpretes “de dentro” quanto “de fora”, a Cruzada São Sebastião não possa ser considerada exatamente uma, no sentido estrito da palavra. Há indícios de rachaduras internas, conforme a fala do presidente da associação nos aponta. É provável que a

segregação à qual a Cruzada está exposta cotidianamente tenha provocado efeitos perversos sobre seus moradores no sentido de produzir e reproduzir dinâmicas de distinção social internamente, a ver a prática da “conscientização” a qual se referiu o presidente da Amorabase. De um lado, os “favelados”; de outro, os “condôminos”.

Algumas professoras com mais de dez anos de trabalho na Santos Anjos nos falaram também, ainda que muito rapidamente, sobre diferenciações estabelecidas quanto ao tipo de morador que habita determinado bloco. “O melhor bloco é o colado à escola, o bloco 10, o mais arrumadinho”, disse-nos uma delas. Este bloco, assim como o oitavo e o nono, é composto de apartamentos de dois quartos, mais valorizados comercialmente e talvez, como podemos supor, também simbolicamente<sup>35</sup>.

Se, entre estudiosos de favelas nota-se o que se convencionou chamar de “a favela da favela”, podemos supor haver no conjunto habitacional a “Cruzada da Cruzada”, ou “a favela do condomínio”. Esse panorama nos faz imaginar prejuízos sobre a coesão interna aos moradores, assim como sobre a organização comunitária e a construção de uma identidade comum. Pois, no limite, malgrado as práticas de distinção internas, a desqualificação externa atribuída à Cruzada parece não fazer diferenciações, respingando em todos.

Vemos, assim, que a Cruzada São Sebastião constitui um caso particular no contexto da bibliografia sobre segregação urbana. A despeito de sua singularidade, a Cruzada revela também alguns dos dramas comuns a espaços socialmente desvalorizados em todo o mundo. Constituem desafios fundamentais que, para uma cidade como o Rio de Janeiro, com mais de mil favelas, conjuntos habitacionais, loteamentos e ocupações irregulares, se colocam urgentes e indispensáveis para o debate sobre uma nova imaginação de cidade, que não pode mais dispensar a incorporação do mundo popular nesse processo.

Nota: inclusão posterior das datas de recebimento e aprovação do artigo.  
Recebido em 15/12/2010; aprovado em 30/12/2010.



## Notas

- <sup>1</sup>. Complexo de favelas localizado entre os bairros de Ipanema, Copacabana e Lagoa Rodrigo de Freitas, na Zona Sul do Rio de Janeiro.
- <sup>2</sup>. Dado importante: ao procurarmos pela Cruzada no Google Maps, ferramenta do Google que produz mapas de vários lugares no mundo, não encontramos, mesmo após algumas tentativas, nenhum que trouxesse referência direta ao conjunto habitacional. Há apenas menções a seus vizinhos, destacados pelos nomes no mapa, como o Shopping Leblon, entre outros. Ou seja, a Cruzada oficialmente não está no mapa digital do bairro e da cidade.
- <sup>3</sup>. Os grifos em vermelho e a sinalização foram feitos por mim.
- <sup>4</sup>. O termo “Todas as cidades, a cidade” é o título do livro do professor Renato Cordeiro Gomes, do Departamento de Letras da PUC-Rio. Nesta obra, Gomes investiga a legibilidade das cidades a partir de textos de ficção, dedicando um capítulo a uma análise sobre o Rio de Janeiro. (Gomes, 1994).
- <sup>5</sup>. Uma referência a Manuel Castells (1999).
- <sup>6</sup>. Como vemos, há pontos de contato entre grandes metrópoles mundiais quanto ao quadro de segregação socioespacial por elas apresentado. No entanto, se considerarmos a relação que se dá entre as diferentes formas urbanas nas cidades, não nos custa enfatizar que as normas organizadoras da segregação em cada país são particulares, guardando identificações com aspectos como a cultura, a estrutura social, a história de cada sociedade. Por isso, parece-nos por demais precipitado concluir que, assim como em metrópoles norte-americanas e francesas, estaria em curso no Rio de Janeiro, ou mesmo em São Paulo, um processo de “guetificação” de favelas e periferias, com tendências à desconexão da vida econômica e social, como veremos.
- <sup>7</sup>. É importante frisar que não somente as classes média e alta buscaram refúgio nos condomínios fechados. Setores de classe média baixa têm privatizado ruas em bairros populares com cancelas, guaritas e vigilantes. “Tal caricatura de *gated community* preocupa e é sintomática. [...] Fica mais evidente ainda o quanto não apenas o sentimento de insegurança e o medo, mas também os hábitos e os valores dos ricos se disseminam pelo espaço e pelo tecido social, o que ajuda a fragmentar ainda mais a cidade.” (Souza, 2008, p. 77).
- <sup>8</sup>. São variadas as razões que podem explicar o fato de no Rio de Janeiro as favelas terem se instalado em bairros de classes média e alta. Porém, não nos cabe aprofundá-las aqui. Contudo, atrelada à história das favelas está a complexa história da propriedade privada da terra na cidade, “quadro institucional que favoreceu fortemente a tolerância com o uso ilegal e irregular como moeda de troca na incorporação das camadas populares à nascente sociedade urbana.” (Alves; Franco e Ribeiro, 2008, p. 96.).
- <sup>9</sup>. Personagem importante no Rio de Janeiro durante os anos de 1920, Mattos Pimenta empreendeu na imprensa uma enfática campanha contra as favelas (Valladares, 2005b, p. 41-45).

<sup>10</sup>. No Leblon, o parque proletário foi construído na favela da Praia do Pinto, de onde vieram, em grande parte, os moradores primeiros do conjunto Cruzada São Sebastião a partir de 1957.

<sup>11</sup>. A prioridade do programa eram os aglomerados populares instalados em bairros da Zona Sul da cidade, como o Leblon e a Lagoa Rodrigo de Freitas, sendo a última o bairro que reunia maior número de favelas ainda em 1970. Mesmo após a extinção de algumas, a Lagoa concentrava dez das 27 existentes nos arredores. “Da favela da Catacumba foram removidos cerca de doze mil moradores; da pequena Jóquei Clube, cerca de duzentos moradores; da favela Rio Rainha, duzentos habitantes; da Alto Solar, seiscentos; da Macedo Sobrinho, quatro mil; da Ilha das Dragas, mil e oitocentos moradores; por fim, da Praia do Pinto, pouco mais de sete mil pessoas.” (Leeds e Leeds, 1978 *apud* Simões, 2008, p. 152).

<sup>12</sup>. Fenômeno mais recentemente divulgado pela mídia, as chamadas milícias, formadas por policiais e ou bombeiros aposentados e em atividade, têm avançado no controle de favelas e seus congêneres, rivalizando com os bandos de tráfico de drogas.

<sup>13</sup>. Sobre as primeiras representações sociais da favela, cf. Valladares (2005b).

<sup>14</sup>. A respeito dessas modalidades de resistência à ideia de associação à violência, empreendidas por moradores de favelas, há o que Machado da Silva nomeou de “limpeza simbólica”, “a necessidade de demonstrar ser pessoa de bem, a fim de ganhar a confiança do Outro” (Machado da Silva, 2008, p. 15). Segundo ele, a partir de uma pesquisa realizada junto a moradores de várias favelas no Rio de Janeiro, o processo pode se dar de duas maneiras. De um lado, buscam se afastar da possível identificação com criminosos pelo fato de habitarem em favelas; de outro, quando falam sobre os traficantes de drogas, dos quais por vezes são parentes ou foram criados juntos, se empenham para “re-humanizá-los”, tornando-os “gente como a gente”. (*ibidem*, p. 75).

<sup>15</sup>. “A favela imensa que se encontrava em frente à Lagoa Rodrigo de Freitas, com acesso pela rua Humberto de Campos, nunca tivera apenas um nome. Até 1942, ela constituía um conjunto de três favelas: a Praia do Pinto, a Cidade Maravilhosa e o Largo da Memória. Neste ano, 800 casebres na Cidade Maravilhosa, no Largo da Memória e apenas alguns na Praia do Pinto foram demolidos e seus moradores foram transferidos para o parque proletário provisório da Gávea, conhecido como parque proletário número 1. [...] O conjunto de favelas alcançou seu auge de crescimento nos anos 30 e 40, por causa da construção do Jockey Clube e do *boom* do mercado de bens imobiliários no Leblon nos anos 20, o qual gerara muitos empregos na construção civil. Além do mais, a extensão da linha de ônibus Jardim-Leblon até a Lagoa Rodrigo de Freitas fez com que os moradores das três favelas pudessem trabalhar em quase todos os lugares da Zona Sul.” (Slob, 2002, p. 59).

<sup>16</sup>. Importa mencionar que, além do conjunto habitacional Cruzada São Sebastião, o órgão da Igreja de mesmo nome criou também o Banco da Providência, a Feira da Providência e o Mercado São Sebastião, mercado de alimentos na Avenida Brasil, a pretexto de darem suporte financeiro às obras de urbanização pretendidas.

<sup>17</sup>. O conjunto habitacional Cruzada São Sebastião previu a construção de uma igreja, uma escola, um centro social, um mercado, e dez blocos de prédios com sete andares cada, sem elevadores. No total, somavam 910 apartamentos entre quitinetes, sala e quarto e sala e dois quartos, com áreas variando de 15 metros quadrados a 36 metros quadrados. Seguindo uma tendência arquitetônica inovadora no que diz respeito à habitação popular, diferente das casas dos parques proletários, o projeto da Cruzada teve inspiração na arquitetura europeia dos anos de 1920, especialmente no trabalho de Le Corbusier (Slob, 2002).

<sup>18</sup>. Na dissertação, buscando caracterizar a população que habita a Cruzada, utilizo dados do censo produzido em 2006 pelo Departamento de Serviço Social da PUC-Rio. Em resumo, a partir do estudo notou-se que a maioria dos apartamentos na Cruzada é próprio; e do total de recenseados (2.235 pessoas), 67% tem entre 21 e 49 anos (os outros 33% são distribuídos entre aqueles com idade menor ou igual a 20 anos e entre 60 e 80 anos ou mais de 80 anos). Ou seja, não se trata exatamente de população muito jovem. À medida que o grau de escolaridade aumenta, há diminuição na concentração de moradores por faixas de instrução – apenas 3% concluíram curso superior de ensino, enquanto 70% classificaram seu grau de instrução entre analfabeto a ensino médio incompleto. O que nos permite imaginar que boa parte dos moradores inseridos no mercado de trabalho exerça serviços que exigem baixa qualificação. Entre os economicamente ativos, 48% afirmaram ter estabilidade quanto à ocupação, contando com direitos trabalhistas, paralelamente ao elevado índice de trabalhadores informais e autônomos, de 42%. Se, entre os habitantes que estão fora do mercado de trabalho, quase a metade é de aposentados, 29% disseram não trabalhar. O censo não apresenta mais detalhes sobre este índice, podendo incluir donas de casa, por exemplo, e também desempregados.

<sup>19</sup>. Quanto ao clube Paissandu, por exemplo, para tornar-se sócio é preciso adquirir um “prêmio” ou uma “joia” cujo valor, em 2010 era de, em média, R\$20 mil. A mensalidade, no caso de uma família de três pessoas, correspondia a cerca de R\$250,00. Já em relação ao clube Caiçaras, uma família de quatro pessoas pagava R\$320,00 por mês para usufruir de suas dependências. Lembramos que o salário mínimo, em 2010, era de R\$510,00.

<sup>20</sup>. “Uma Cruzada e um paladino”. *Visão*, 27 dez. 1957 (Slob, 2002, p. 47).

<sup>21</sup>. De acordo com o Dicionário *Michaelis Online*, “napalm é agente gelificante que consiste numa mistura de sabões de alumínio e é usado na gelatinização de gasolina, especialmente em bombas incendiárias e lança-chamas”. Criada nos Estados Unidos na década de 1940, a bomba de napalm foi lançada sobre o Japão durante a Segunda Guerra Mundial, bem como sobre o exército vietnamita durante a guerra do Vietnã, nos anos de 1960.

<sup>22</sup>. Optou-se pela utilização de nome fictício, a fim de preservar a real identidade do informante.

<sup>23</sup>. Ao me convidar para visitar sua casa e conhecer sua família em Santa Cruz, o informante fez questão de afirmar morar “longe de favelas ou milícias”, provavelmente para que eu não me preocupasse nem tivesse medo de ir a seu encontro.

<sup>24</sup>. Segundo informação do próprio presidente da associação, cuja identidade optamos por preservar, a Amorabase é custeada integralmente pelo Shopping Leblon, com a verba mensal de R\$2.610,00, pouco mais de cinco salários-mínimos, sabendo ser o salário mínimo, em 2010, R\$510,00.

<sup>25</sup>. “Deve-se considerar os laços de parentesco que aparentemente predominam sobre quaisquer tipos de relações interpessoais na comunidade. Membros de grupos extensos de parentesco vivem espalhados pelos dez edifícios da Cruzada. Apenas quando não há mais espaço na Cruzada, os jovens tendem a mudar-se para outros bairros, geralmente favelas nas redondezas. Quando há um apartamento desocupado na Cruzada, é provável que este seja alugado ou comprado por alguém que já mora na comunidade.” (Slob, 2002, p. 123). “A Cruzada é não só o lugar onde ‘ninguém fica sem parente’. É o lugar *onde ficam os parentes*.” (Simões, 2008, p. 249).

<sup>26</sup>. Termo que aparece em algumas das matérias jornalísticas pesquisadas.

<sup>27</sup>. A Cruzada parece ter, internamente, seus próprios estabelecidos e *outsiders* (cf. Elias e Scotson, 2000). Segundo Simões, a diferenciação social interna à Cruzada envolve também critérios semelhantes aos adotados pelos habitantes de Winston Parva, como no estudo de Elias e Scotson. Estabelecidos seriam, nesse sentido, aqueles “nascidos e criados” que vieram da Praia do Pinto e/ou seus descendentes; já *outsiders* seriam os moradores “novos”, que não partilham desta mesma origem. O bloco seis, por exemplo, é considerado como “bloco dos nordestinos”. Nele, há apartamentos preparados para acomodar até oito pessoas em beliches. “Sob os pilotis desse bloco é grande o número de bicicletas e triciclos estacionados durante a noite. Pela manhã, estão todos circulando pela Zona Sul, pois esses moradores adventícios da Cruzada São Sebastião têm como ofício mais marcante a venda ambulante de panos de chão, mas também de flanelas, panos de prato e vassouras. Muitos trabalham com vínculos empregatícios em bares, restaurantes e lanchonetes da região, em horários diferenciados, o que os permite instituir o sistema de rodízio necessário para o uso adequado e a partilha do espaço de um apartamento com os moradores provenientes de uma mesma cidade nordestina.” (Simões, 2008, p. 242).

<sup>28</sup>. A seleção, feita a partir do arquivo do jornal *O Globo*, abrangeu veículos de grande circulação do Rio de Janeiro como o próprio *O Globo*, *Jornal do Brasil* (JB), além de *O Estado de S. Paulo*, *O Dia* e do extinto *Última Hora*, e também do site O Globo Online.

<sup>29</sup>. Vale, a título de informação, destacarmos que o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Leblon no contexto do município do Rio de Janeiro no ano de 2000 era de 0,967, ocupando o segundo lugar do *ranking* e perdendo apenas para a Gávea (0,970). As vizinhas Ipanema e Lagoa ocuparam o quarto e quintos lugares da lista, com 0,962, e 0,959, respectivamente. O cálculo do IDH leva em conta elementos como expectativa de vida ao nascer, educação, renda e longevidade. O índice varia de zero a um, sendo considerado elevado quando é igual ou maior que 0,800.

<sup>30</sup>. Originalmente denominado projeto Praia do Pinto e voltado para a classe média, o condomínio Selva de Pedra foi construído em local onde antes era a favela da Praia do

Pinto, que teve fim a partir de um incêndio de grandes proporções em maio de 1969. Não se sabe até hoje se o incêndio foi fruto de acidente ou de crime. O Selva de Pedra, cujo nome foi inspirado em uma novela da Rede Globo de Televisão, veiculada em 1972, e possui 40 prédios de 13 a 17 andares, com 2.251 apartamentos.

<sup>31</sup>. Entrevistamos três professoras antigas (com mais de 10 anos de trabalho naquela escola); duas professoras novas (aquelas que ingressaram em 2009); e quatro professoras da direção (diretora, diretora-adjunta, coordenadora pedagógica e uma especialista em Educação, ex- diretora-adjunta). Foram preparados alguns roteiros com perguntas semiestruturadas, diferenciados entre eles basicamente no que tange às especificidades dos cargos ocupados pelas docentes e ao tempo de trabalho naquela escola, fundada em 1957, junto com a criação da Cruzada São Sebastião. A título de informação, vale mencionar que a escola trabalha em dois turnos – manhã e tarde – com crianças a partir de quatro anos de idade, de Educação Infantil até o 5º ano do ciclo de Ensino Fundamental. Há em torno de 510 alunos e cerca de 40% deles são moradores da Cruzada.

<sup>32</sup>. O condomínio Selva de Pedra, como vimos, foi construído no terreno em que se localizava a favela da Praia do Pinto. A referência a ele como “favelão” não é exclusiva dos moradores da Cruzada, sendo acionada também por outros grupos que residem no, ou frequentam o Leblon como, por exemplo, os alunos do Colégio Santo Agostinho, onde estudei.

<sup>33</sup>. Para a discussão sobre os sentidos da utilização do termo “comunidade” no contexto do Rio de Janeiro, cf. Birman (2008).

<sup>34</sup>. Veja a fala do corretor Fernando: “Só tem um prédio que é cabeça de porco aqui, que chamam, que são 40 apartamentos por andar. Que é o edifício Três irmãos, vulgo ‘Maracanã’. É na Humberto de Campos, 827. Ele pega um quarteirão todo, ele vai da Bartolomeu Mitre à João Lira. Na verdade são 47 apartamentos por andar [...], são três andares iguais. [...] Ele tem 170 apartamentos mais ou menos. [...] É único desse estilo no Leblon, tirando a Cruzada, é o único prédio. O único que tem.”

<sup>35</sup>. Internamente ao conjunto, em consonância com a fala das professoras, o trabalho de Simões mencionou também a ideia de que o bloco e o tipo de apartamento são comumente apontados pelos moradores para definir virtualidades individuais ou coletivas. Segundo ela, certos comportamentos tidos em baixa estima na Cruzada apareceram, certas vezes, conectados ao fato do vizinho morar em determinado prédio, especialmente aqueles de apartamentos conjugados ou quarto e sala. Diferenças de renda parecem pautar também estratégias de distinção social na Cruzada. “Uma despreziosa observação do dia-a-dia é suficiente para nos fazer perceber a grande diferenciação de renda que existe entre os moradores da Cruzada. Possuir roupas de grife, carro, computador ou simplesmente exalar determinado perfume, por exemplo, são significantes que estabelecem essa diferenciação.” (Simões, 2008, p. 283).

## Referências bibliográficas

- ALVES, Fátima; FRANCO, Creso; RIBEIRO, Luiz César de Queiroz. “Segregação residencial e desigualdade escolar no Rio de Janeiro”. In Ribeiro, L. C. de Q.; Katzman, R. (orgs). **A cidade contra a escola?: segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina**. Rio de Janeiro, Letra Capital/FAPERJ; Montevidéu: IPPES, 2008, pp. 91-118.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. “Efeitos do lugar”. In Bourdieu, P. (org.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997, p.157-160.
- BURGOS, Marcelo. “Dos Parques Proletários ao Favela-Bairro: as políticas públicas nas favelas do Rio de Janeiro”. In Zaluar, A.; Alvito, M. (orgs). **Um século de favela**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998, p. 25-60.
- \_\_\_\_\_. “Favela, cidade e cidadania em Rio das Pedras”. In Burgos, M. (org.). **A utopia da comunidade. Rio das Pedras, uma favela carioca**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Loyola, 2002, pp. 21-90.
- \_\_\_\_\_. “Cidades, territórios e cidadania”. **Dados – Revista de Ciências Sociais**, vol. 48, nº1, 2005, p. 189-222.
- \_\_\_\_\_. “Escola, favela e cidade no Rio de Janeiro”. In Fleury, S.; Subirats, J.; Blanco, I. (eds.). **Respuestas locales a inseguridades globales. Innovación y cambios en Brasil y España**. Barcelona: Fundació CIDOB, 2008a, pp. 85-118.
- \_\_\_\_\_. “Segregação urbana e institucional: a relação entre as escolas públicas e as favelas”. **Desigualdade & Diversidade: Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio**, nº 2, 2008b.
- \_\_\_\_\_. “Democracia, escola e cidade”. **Anais do XIV Congresso Brasileiro de Sociologia**, 2009, pp. 1-22.
- \_\_\_\_\_; RANDOLPHO, Ângela (orgs.). **A escola e a favela**. Rio de Janeiro: Editora PUC: Pallas, 2009.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.
- CAMPOS, Andreilino. **Do quilombo à favela: a produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005.
- CARVALHO, Maria Alice Rezende de. “Violência no Rio de Janeiro: uma reflexão política”. In Pereira, C. A. M.; Rondinelli, E.; Schollhammer, K. E.; Herschmann, Micael (orgs.). **Linguagens da violência**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 47-75.
- CASTELLS, Manuel. (1999). **A sociedade em rede**. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1999.
- COSTA Pinto, L. A. **O negro no Rio de Janeiro: relações de raça numa sociedade em mudança**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998, p. 125-149.
- DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema**

- brasileiro**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- FONSECA, Maria de L. Pereira. “Padrões sociais e usos do espaço público”. **Caderno CRH**, vol. 18, nº 45, set./dez, 2005, pp. 377-394.
- FONSECA, Rubem. **Romance negro e outras histórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- FLORES, Carolina. “Segregação residencial e resultados educacionais na cidade de Santiago do Chile”. In Ribeiro, L. C. de Q.; Katzman, R. (orgs). **A cidade contra a escola?: segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina**. Rio de Janeiro, Letra Capital/FAPERJ; Montevidéo: IPPES, 2008, pp. 145-179.
- GIDDENS, Anthony. **Para além da esquerda e da direita. O futuro da política radical**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2002.
- GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LEEDS, Anthony; LEEDS, Elizabeht. **A sociologia do Brasil urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio (org.). **Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.
- \_\_\_\_\_; LEITE, Márcia Pereira. “Violência, crime e polícia: o que os favelados dizem quando falam desses temas?”. In Machado da Silva, L. A. (org.), **Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008, p. 47-76.
- MASCARENHAS, Ilka Helena Teles. **Escola pública e moradia: o cotidiano dos moradores da Cruzada São Sebastião do Leblon, um conjunto habitacional localizado em um bairro nobre do Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado. Niterói: UFF/ ICHF/ PPGCP, 2005.
- MARCUSE, P. “The enclave, the citadel and the ghetto. What has changed in the post-fordist U. S. city”. **Urban Affairs**, nº 33, 1997, pp. 228-264.
- MELLO, Marco Antonio da Silva. “Selva de Pedra: apropriação e reapropriação dos espaços públicos de uso coletivo no Rio de Janeiro”. In Esterci, N.; Fry, P.; Goldenberg, M. (orgs). **Fazendo antropologia no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A/CAPES, 2001.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Editora Centauro, 2001.
- LEITE, Márcia Pereira. “Violência, risco e sociabilidade nas margens da cidade: percepções e formas de ação de moradores de favelas cariocas”. In Machado da Silva,

- L. A. (org.). **Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008, pp. 115-142.
- PANDOLFI, Dulce; GRYNSZPAN, Mario (orgs.). **A favela fala: depoimentos ao CPDOC**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- PELBART, Peter Pál. **Vida capital**. Rio de Janeiro: Editora Iluminuras, 2003.
- PERALVA, Angelina. **Violência e democracia: o paradoxo brasileiro**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2001.
- RIBEIRO, Luiz César de Queiroz. **O futuro das metrópoles: desigualdades e governabilidade**. Rio de Janeiro: Revan/IPPUR/UFRJ-FASE, 2000.
- \_\_\_\_\_. “Apresentação”. In Wacquant, L. **Os condenados da cidade: estudo sobre marginalidade avançada**. Rio de Janeiro, Revan/FASE, 2001, p. 13-17.
- \_\_\_\_\_. (org.). “Metrópolis, reforma urbana e desenvolvimento nacional”. In Ribeiro, L. C. de Q.; Santos Junior, O. A. (orgs.). **As metrópoles e a questão social brasileira**. Rio de Janeiro: Revan, 2007a.
- \_\_\_\_\_.; CRUZ, Gisele dos Reis; MABERLA, Juliana Eleuze Carreira. “Proximidade territorial e distância social: reflexões sobre o efeito do lugar a partir de um enclave urbano – A Cruzada São Sebastião no Rio de Janeiro”. Rio de Janeiro, 2007b. Disponível em [http://web.observatoriodasmetropoles.net/index.php?option=com\\_content&view=article&id=106:ribeiro8&catid=36:colecacao-textos&Itemid=82&lang=pr](http://web.observatoriodasmetropoles.net/index.php?option=com_content&view=article&id=106:ribeiro8&catid=36:colecacao-textos&Itemid=82&lang=pr)
- \_\_\_\_\_.; KATZMAN, Ruben (orgs.). **A cidade contra a escola?: segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina**. Rio de Janeiro, Letra Capital/FAPERJ; Montevidéu: IPPES, 2008.
- ROMÁN, Marcela C. “¿Por qué los docentes no pueden desarrollar procesos de enseñanza aprendizaje de calidad em contextos sociales vulnerables?”. Revista **Persona y Sociedad**, vol. 17, nº 1, 2003, p. 113-128. Santiago, Ed. Universidade Alberto Hurtado e Instituto Latinoamericano de Doctrina y Estudios Sociales ILADES.
- SIMMEL, Georg. “A metrópole e a vida mental”. In Velho, O. G. (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, p. 11-25.
- SIMÕES, Soraya Silveira. **Cruzada São Sebastião do Leblon: Uma etnografia da moradia e do cotidiano dos habitantes de um conjunto habitacional na Zona Sul do Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado. Niterói, UFF/ICHF/PPGA, 2008.
- SLOB, Bart. “Do barraco para o apartamento – a ‘humanização’ e a ‘urbanização’ de uma favela situada em um bairro nobre do Rio de Janeiro”. Trabalho de conclusão de curso no PPGAS/Museu Nacional-UFRJ. Rio de Janeiro, 2002.
- SMALL, Mario Luis; NEWMAN, Katherine. “Urban poverty after the truly disadvantaged: the rediscovery of the family, the neighborhood, and culture”. **Annual Review of Sociology**, nº 27, 2001, p. 23-45.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.



- TAVARES, Maria Tereza Goudard. “Os ‘pequenos’, a escola e o direito à cidade”. 26ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), 2003.
- THIN, Daniel. “Para uma análise das relações entre famílias populares e escola: confrontação entre lógicas socializadoras”. *Revista Brasileira de Educação*, vol. 11, nº 32, maio/ago., 2006, pp. 221-225.
- TOURAINÉ, Alain. *Poderemos viver juntos?: iguais e diferentes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- VALLADARES, Lícia do Prado. *Passa-se uma casa: análise do programa de remoção de favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- \_\_\_\_\_. (org). *A escola de Chicago: Impacto de uma tradição no Brasil e na França*. Belo Horizonte: Editora UFMG/Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005a.
- \_\_\_\_\_. *A invenção da favela: do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005b.
- VELHO, Gilberto. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. Rio de Janeiro, Zahar Editor, 1973.
- \_\_\_\_\_; KUSCHNIR, Karina (orgs). *Mediação cultura e política*. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2001.
- VENTURA, Zuenir. *Cidade partida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- WACQUANT, Loïc. *Os condenados da cidade: estudo sobre marginalidade avançada*. Rio de Janeiro, Revan/FASE, 2001.
- ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta*. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- ZUBERO, Imanol. “Construcción y desconstrucción de extraños en el ámbito local: de las identidades predadoras a las identificaciones dialogantes”. In Fleury, S.; Subirats; Blanco, I. (eds). *Respuestas locales a inseguridades globales. Innovación y cambios en Brasil y España*. Barcelona: Fundació CIDOB, 2008, p. 25-56.
- Censo**. *Censo 2006: Cruzada São Sebastião*. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

